

TENSÃO ENTRE AS LÍNGUAS MATERNAS E A OFICIAL NOS ESCRITOS DOS ALUNOS DA 4ª CLASSE NA GUINÉ-BISSAU: uma questão de ensino monolíngue em contexto multilíngue

Ivo Aloide Ié¹

Eixo temático: 8 Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: Na Guiné-Bissau, o português é a língua oficial e a única de ensino escolar. Isso significa que a alfabetização ocorre somente nessa língua em todos os cantos do país, o que torna essa prática distante da realidade do educando, pois, a maioria das crianças não tem contato com o idioma oficial antes de chegar à escola, fora dela, os estudantes convivem com outras línguas existentes no país e que fazem parte das suas realidades e do grupo étnico a que pertence cada aluno (LMs)². Mas, ao ingressar no processo de escolarização, são submetidos à leitura e a escrita numa língua que não dominam e que não lhes pertence (LO)³. Tendo em conta essa circunstância, o presente estudo objetiva analisar os textos escritos por alunos da 4ª classe (série) na Guiné-Bissau, com intuito de identificar os eixos de conflitos entre as línguas (maternas e a língua oficial) nas suas escritas. Teoricamente, análise é baseada, na perspectiva “enunciativo-discursiva” de escrita, especificamente, a da heterogeneidade constitutiva da escrita (CORRÊA, 2004). O corpus é constituído dos textos produzidos por alunos de 4ª classe (série) na Guiné. Os resultados indicam que o conflito entre as línguas nas escritas das crianças está, intimamente, relacionado ao ensino monolíngue num contexto multilíngue.

Palavras-chave: Alfabetização; Alunos da 4ª Classe; Ditado; Ensino de escrita; Guiné-Bissau.

Introdução

Guiné-Bissau, a semelhança dos países que sofreram a colonização de Portugal, a língua portuguesa é a língua oficial, mesmo desconhecida pela maioria da população daquele pequeno país situado na costa ocidental do continente africano, com uma dimensão territorial de 36.125 km², a sua população estima-se de 1,9 milhões de habitantes composta por “dezenas grupos e subgrupos étnicos muitos heterogêneos, com suas culturas próprias, suas línguas, em grande parte, muito diferentes uma das outras” (AUGEL, 2017, p. 76).

Entre as etnias da Guiné com maior número da população, destacam-se “fula (28,5%); balanta (22,5%); mandinga (14,7%); pepel (9,1%); e manjaco (8,3%)” (INE, 2009, p. 22). Cada grupo étnico fala a sua própria língua do mesmo nome. São essas línguas

¹ Doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo- USP. Contato: ivoaloide.bobadja@usp.br

² Línguas maternas

³ Língua oficial

juntamente com a língua guineense (o crioulo da Guiné)⁴ que fazem parte da realidade multilíngue dos alunos e que eles usam diariamente. Mas o sistema educativo guineense exclui o uso dessas línguas no processo de ensino-aprendizagem escolar. Sendo, apenas, legítima a utilização do idioma oficial nas salas de aulas plurilíngues/multilíngues. Assim, todos os materiais didáticos estão escritos em português.

Em frente a esse quadro, partimos das hipóteses de que o processo de alfabetização distanciando de multilinguismo constitutivo de práticas *orais/letrada* em Guiné-Bissau gera conflito entre as línguas nos textos produzidos pelas crianças de 4ª classe e atrapalha a aquisição da habilidade de escrita e leitura! Mas, de que forma o processo de ensino monolíngue num contexto multilíngue atrapalha aquisição da leitura e escrita?

Para responder essa questão, o trabalho procurou analisar os textos escritos por alunos da 4ª classe na Guiné-Bissau, não só, com intuito de identificar os eixos de tensões entre as línguas (maternas e a língua oficial) nas suas escritas. Mas também, o conflito que o escrevente enfrenta ao escrever uma palavra numa língua que ele não domina.

Análise é baseada na perspectiva “enunciativo-discursiva” de escrita, especificamente, a da heterogeneidade constitutiva da escrita, proposto por Corrêa (2004). O corpus é constituído dos textos produzidos por alunos de 4ª classe. Esses textos foram conseguidos com ajuda de um professor. Os resultados indicam à relação do conflito ao ensino monolíngue num contexto multilíngue.

2 Fundamentação teórica

A escrita é complexa, do mesmo modo, o seu ensino e sua aprendizagem envolve uma complexidade, pois é um recurso artificial ou inventado pelo homem para representar a sua língua, o que só pode ser adquirido no processo de alfabetização formal (DUARTE, 2000). Em Guiné-Bissau, para ensinar a escrita da língua portuguesa, os professores utilizam, até hoje, a técnica do *ditado tradicional*.

De acordo com Morais (2002), o *ditado tradicional* tem como finalidade verificar apenas se o aluno tem o conhecimento ortográfico, isto é, se ele representa graficamente a palavra lida ou ditada pelo professor, sem nenhum interesse de ensinar o aluno o porquê que a grafia x ou y não deve ser colocada em tal sílaba ou palavra (MORAIS, 2002, p.86).

Cravo (2014) define o ditado como uma técnica em que se traduz “um texto da linguagem oral para a escrita, ou seja, o professor lê um texto em voz alta e o aluno

⁴ A língua vernácula

transcreve o que ouviu da leitura, no final, é avaliado pela forma como escreveu, neste caso, se escreveu corretamente todas as palavras ditada” (CRAVO, 2014, p.2). Nas escolas guineenses, esse recurso é utilizado com finalidade de induzir os alunos a memorizarem a ortografia da língua portuguesa.

Essa estratégia do ditado é considerada, por alguns autores, desnecessária no processo de alfabetização. Porque, para “[...] aprender ortografia não é só uma questão de memória, nem sempre para acertar grafia das palavras é necessário decorar sua forma correta” (MORAIS, 2002, p. 27), o mais importante é ter o conhecimento explícito das regras de uso da língua escrita e compreender a diferença entre essas regras e as regras de uso oral da língua. A diferença que se acentua “no meio físico condutor da mensagem: os símbolos vocálicos ou os símbolos gráficos” (SILVA, 1993, p.6).

Ao tratar da complexidade da escrita e a sua relação com a oralidade, Silva (1993) salienta que “compreender a mensagem transmitida pela palavra *copo* será necessário que associe a imagem desse objeto à imagem acústica correspondente” (SILVA, 1993, p.5), mas para escrevê-la será necessário conhecer os sinais gráficos que ao serem organizados em sequencia representem a palavra *copo* e, deve saber fazer isso em variedades das sequencias determinadas, esse é um dos pontos que geram conflitos nas escritas dos alunos guineenses, pois a palavra *copo* no crioulo guineense é grafada com grafema <U> na segunda sílaba. Mas ao ensinar a escrita por meio do *ditado*, os professores não se preocupam em explicitar a diferença existente nesta ocorrência, apenas apontam como erro se o aluno substituir <O> por <U>. São esses tipos de tensões que encontramos nos textos analisados.

Sousa (2014) chama atenção de que, se a escola e os professores irem além do objetivo de analisar os chamados erros ortográficos na escrita das crianças e “se optar por escutar as razões que estão por detrás das opções de grafias, abre-se uma via para a compreensão do pensamento linguístico das crianças, entrando-se em contacto com as suas concepções sobre língua e sobre escrita” (SOUSA, 2014, p.117).

3 Metodologia

Este estudo é de cunho qualitativo, assim, os dados coletados são predominantemente descritivos e a técnica utilizada para abordá-los é de análise documental, pois interessa-nos compreender as tensões entre as línguas maternas e a oficial nos textos produzidos por alunos de 4ª série em Guiné (HOLISTI, 1969 apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Análise documental permite o acesso aos dados sem a necessidade de

deslocar, ou seja, quando há limitação para o pesquisador deslocar-se ao campo (GUBA; LINCOLN, 1981 apud LUDKE; ANDRÉ, 1986)

Não fomos ao campo, mas os dados foram conseguidos com ajuda de um professor de uma turma da quarta classe (4º ano) na Guiné, solicitamos os dados e explicamos sobre o trabalho a ser feito e a sua importância para reflexão sobre ensino de escrita no país, ele aceitou o nosso pedido e nos facultou os dados, esses textos não foram produzidos especificamente para serem analisados neste estudo. O professor nos informou que foram produzidos numa aula diagnóstica, na qual usou o recurso “ditado,” uma prática recorrente na Guiné, para verificar o nível da memorização da ortografia e de escrita da língua portuguesa.

Tomamos como proposta teórica para análise dos enunciados escritos. A perspectiva “enunciativo-discursiva” de escrita, especificamente, a da heterogeneidade constitutiva da escrita, por Corrêa, (2004). Tratando da metodologia da sua pesquisa com os vestibulandos da UNICAMP, Corrêa constituiu três pontos “como lugares privilegiados de observação, aos quais, autor chama de eixos que orientam a circulação do escrevente pelo imaginário sobre a escrita” (CORRÊA, 2004, p.10). Os três eixos são caracterizados por Corrêa de seguinte maneira:

[...] é o do modo de constituição da escrita em sua suposta gênese. [...] o momento em que, ao apropriar-se da escrita, o escrevente tende a tomá-lo como representação termo a termo da oralidade, situação em que tende a igualar esses dois modos de realização da linguagem verbal. [...] o segundo eixo é [...] apropriação da escrita em seu estatuto de código institucionalizado [...] desse modo, a representação que o escrevente faz do código escrito institucionalizado e o terceiro eixo é o da relação que o texto do escrevente mantém com o já falado e com o já ouvido, bem como com o já escrito e com o já lido [...] eixo da dialogia com o já falado/escrito. Por meio dessa relação, o escrevente põe-se em contato não só com tudo quanto teve de experiência oral, como também com a produção escrita em geral [...] (CORRÊA, 2004, p.10-11).

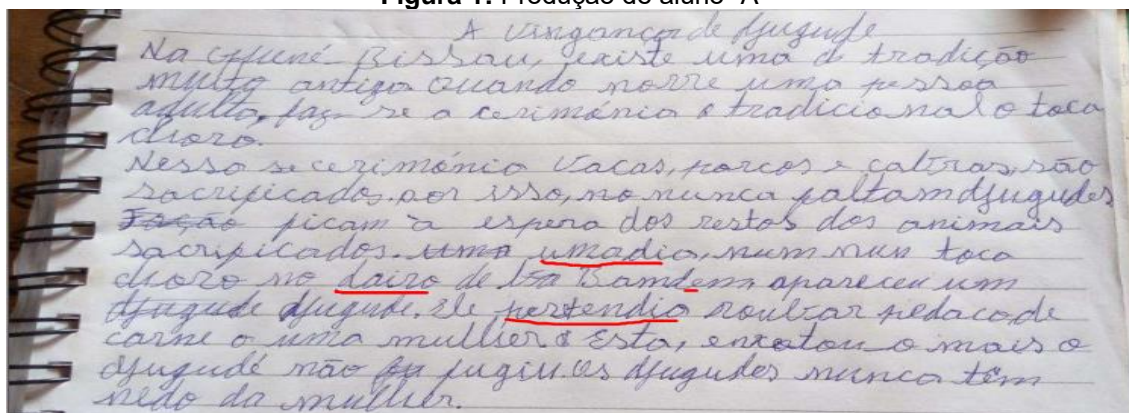
Esses três eixos serviu-nos da orientação para identificarmos as tensões entre as línguas nos escritos dos alunos de 4ª classe na Guiné-Bissau.

Foram coletados 30 (trinta) textos, mas pelo caráter deste estudo foram analisados apenas dois deles. Utilizamos a codificação “A” e “B” para denominar os autores dos textos

4 Resultados e Discussão

A seguir são analisadas e discutidas as ocorrências da figura 1. O texto foi produzido por aluno “A” nele observamos tensões na escrita da palavra <dairo> (=bairro).

Figura 1: Produção de aluno “A”



Fonte: Dados da pesquisa

<dairo> (=bairro): nesta ocorrência temos duas partes de conflito na escrita de criança, o primeiro é a troca de grafema *b* para *d*, para essa troca tomamos a denominação, a “substituição de coda” (VICENTE, 2019). Na segunda parte, ocorre o apagamento de coda lateral no dígrafo *RR*, registrando, portanto, a ortografia não convencional (não escrito de acordo com padrão ortográfica da língua portuguesa), por exemplo, *daiRo* no lugar de *baiRRo*.

No que diz respeito a substituição do grafema <*b*> por <*d*>, é possível ver a ocorrência de conflito na busca de transferência do que ouviu do “ditado” para o que entende como gênese da escrita (CORRÊA, 2004). Referente ao apagamento do *R* na palavra bairro, tensão reside na pronúncia do português e do guineense demonstrada na estratégia de criança para representar graficamente a palavra *bairro* na língua portuguesa, mas por não ter o domínio da modalidade escrita dessa língua, recorreu, imediatamente, a forma gráfica da língua guineense (oralidade), que não tem pronúncia de consoantes duplas.

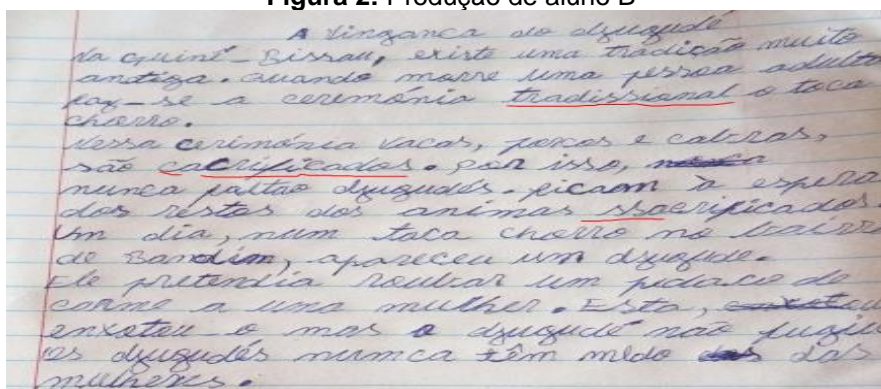
A, título exemplificativo, *bairro* em guineense escreve-se *bairu* (STEIN, 2021, p.260). Ao mesmo tempo, para diferenciar o oral do crioulo a com o oral da língua portuguesa, o escrevente mantém o vogal “O” por entender que é assim que se representa essa palavra na língua portuguesa, ou seja, ele transpõe o seu conhecimento da modalidade oral da língua para a modalidade escrita (SILVA, 1993).

Corrêa (2004), no seu primeiro eixo metodológico da heterogeneidade constitutiva da escrita, afirma que “ao apropriar-se da escrita, o escrevente tende a tomá-lo como representação termo a termo da oralidade” (CORRÊA, 2004, p.10), quer dizer, ao entrar em contato com a escrita pela primeira vez na escola o aluno tende a representar

igualmente a oralidade e a escrita, considerando que a oralidade é o guineense falada em casa e a escrita trata-se do português língua da escola. Nesse caso, o conflito detectado na escrita do alfabetizando, ocorre entre o guineense e a língua portuguesa. Portanto, essa é heterogeneidade que constitui o escrevente na sua escrita, a sua relação com as práticas sociais de uso das duas formas de linguagem.

Segue análise do texto 2, produzido por aluno B, nele detecta-se tensões na escrita destas palavras *tradissional* (=tradicional); *çacrificados* (sacrificados) e *ssacrificados* (sacrificados).

Figura 2: Produção de aluno B



Fonte: Dados de pesquisa

Destacam-se na figura acima três ocorrências de tensão na escrita do alfabetizando de 4ª classe: em primeiro lugar temos o registro da palavra *tradissional* (=tradicional); em seguida temos *çacrificados* (sacrificados) e por último *ssacrificados* (sacrificados), podemos considerar as duas últimas como um *continuum* de tensão, pois, demonstram o momento conflitante do escrevente na tentativa de representar, graficamente, a mesma palavra em português.

O que podemos observar no registro da palavra *tradissional* (=tradicional), é a utilização do grafema <ss> na posição (interior) do <c>, em outras palavras, o escrevente faz a substituição do grafema <c> por <ss>.

Podemos discutir entre outras questões técnicas da ortografia (fonética fonológica), mas, não cabe aqui repetir a velha tradição escolar de considerar os desvios ortográficos como uma falta de capacidade do aprendiz. Diferentemente dessa perspectiva, interessa a este estudo a questão da heterogeneidade constitutiva da escrita, isto é, observar os eixos de tensões entre as línguas na escrita dos alfabetizados de 4ª série. Tendo como foco a essa observação, entende-se que a utilização dos grafemas <ss> no lugar de <c> está relacionada com a sua proximidade da pronúncia do <c> com o som do <s> no guineense, por exemplo, a palavra *tradicional* em guineense escreve-se *tradiSional* (STEIN, 2021, p.293), mas pronuncia-se com o som do <c>. Nessa escrita, vemos tensão entre a língua

oficial e a língua materna, tendo como resultado o registro da palavra *tradissional* (*tradicional*) que não representa o som em crioulo e nem no português.

Esse cruzamento da língua materna com a língua oficial nos escritos dos alunos da 4ª, é comparável aqui com o que a teoria da *heterogeneidade constitui da escrita* considera como o seu elemento central, por exemplo, o cruzamento das práticas sociais orais/letrada e escrito/lido nos textos escritos, a retomada do já *ouvido/falado* e o já *lido/escrito* das experiências vividas nas práticas sociais em que circula o escrevente (CORRÊA, 2004).

Também, é possível ver a circulação do escrevente entre a língua materna e a língua oficial no registro ortográfico da palavra *tradiSSional*. Essa circulação entre as duas línguas e a confiabilidade na sua capacidade de escrita, a qual decidiu escrever *tradiSSional* (*tradicional*) está relacionada com o primeiro eixo da heterogeneidade constitutiva. Segundo (CORRÊA, 2004) corresponde ao momento em que o indivíduo ao entrar em contacto com a escrita pela primeira vez, a toma como instrumento de “representar a oralidade termo a termo” (CORRÊA, 2004, 10).

Na mesma ocorrência podemos, também, ver a circulação do escrevente pelo o que está definido no segundo eixo: uma representação da escrita localmente atuante, ou seja, é a representação que o indivíduo faz do institucionalizado para sua escrita, “o que imagina ser um modo autônomo de representar a oralidade” (CORRÊA, 2004, p.11). Isso é evidenciado no registro das outras duas palavras *çacrificados* (=sacrificados) e *ssacrificados* (=sacrificados), este registro deixa claro a percepção da criança em relação a sua escrita, como é possível ver na sua oscilação entre grafemas <ss> e <ç> para registrar a mesma palavra. Esse é o institucionalizado que ela faz da sua escrita, a sua imaginação sobre autonomia da escrita (CORRÊA, 2004).

Nessa ocorrência, detecta-se o caráter conflitante entre o próprio escrevente e a complexidade da língua, vemos as suas dificuldades de representar as palavras graficamente, por isso, resolve, recorrer à forma oral das suas variedades linguística (CAPRISTANO; ANICIAS, 2014). “Essas oscilações podem ser explicadas pelo trânsito da criança por características fonético-fonológicas (1º eixo) da língua e, concomitantemente, por aspectos das convenções ortográficas (2º eixo)” (CAPRISTANO; ANICIAS, 2014, p.6).

5 Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo analisar os textos escritos por alunos da 4ª classe (série) na Guiné-Bissau, com intuito de identificar os eixos de conflitos entre as línguas (maternas e a língua oficial) nas suas escritas. Com base na técnica metodológica adotada

para análise dos dados, foi possível chegar ao objetivo proposto. As questões previamente levantadas foram respondidas e as hipóteses foram confirmadas. Os três eixos metodológicos da heterogeneidade construtiva da escrita permitiram-nos detectar a circulação do escrevente em três pontos de conflito: dificuldade de escrever palavra numa língua que não domina; a retomada da sua língua materna (prática oral/letrada) e a sua imaginação da escrita (a maneira de representar a oralidade *termo a termo*). Assim, pode-se finalizar que as tensões entre as línguas nos textos analisados estão relacionados ao ensino monolíngue do português em contexto multilíngue guineense.

Por ser um dos poucos trabalhos acadêmicos ou o único a investigar os conflitos entre as línguas nas escritas dos alfabetizados na Guiné-Bissau, recomenda-se a investigar, mais, sobre este fenômeno no contexto guineense com mais dados, tanto para ampliar os que foram analisados por este estudo, quanto para descobrir outros fenômenos que ainda não foram investigados. Espera-se que este estudo contribua para incorporar línguas guineenses no processo de alfabetização, tornando-o, assim, democrático e dando o direito aos alunos aprenderem a leitura e escrita nas suas línguas maternas.

Referências

- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escomburo**: nação, identidade, pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro : Garamond, 2007
- CAPRISTANO, Cristiane Carneiro; ANICIAS, Adriane Karine Mariano. A flutuação no registro ortográfico de palavras: marcas da heterogeneidade da produção enunciativa infantil, V COMBALF. Florianópolis, 2014.
- CORRÊA, Manoel Luis Gonçalves. **O Modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. ISBN 85-336-2009-8
- CRAVO , Filipa Costa Segão. **Ditado: Um percurso de aprendizagem entre pares**. 2014. 115f. Dissertação (Mestrado em didática da língua portuguesa 1.º e 2.º ciclos do ensino básico)- Instituto Politécnico de Lisboa Escola Superior de Educação de Lisboa. Lisboa, 2014
- DUARTE, Inês. **Língua portuguesa instrumento de análise**. Lisboa: Universidade Aberta, 2000. ISBN: 978-972-674-604-1
- INE INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA- GUINÉ-BISSAU, Características socioculturais. Terceiro Recenseamento Geral da População e Habitação, Bissau – 2009.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. **Em Aberto**, v. 5, n. 31, 1986.
- MORAIS, Artur Gomes. Ortografia: ensinar e aprender. 4ª ed. São Paulo SP, Ática, 2002.
- SILVA, Myrian Barbosa. **Leitura, ortografia e fonologia**. Editora Ática. 2ª Edição São Paulo 1993. ISBN 85 08 04510 7.
- SOUSA, Otilia. O Ditado como estratégia de aprendizagem. **EXEDRA: Revista Científica**, v. 9, p. 115-127, 2014. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.21/4489> acesso em 29 maio 2022.
- STEIN Cirineu Cecote. **Dicionário Bilingue Português** - Crioulo de Guiné-Bissau: Volume 1 – Dicionário Português - Crioulo de Guiné-Bissau. Copyright (c) Editora UFPB.. João Pessoa, Paraíba. 2021. ISBN 978-65-5942-103-9
- VICENTE, Francisco. Tipos de erros na escrita de formatos silábicos. **POLISSEMA–Revista de Letras do ISCAP**, n. 19, p. 113-148, 2019.